

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO	19.001.1974	DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

Na sexta-feira

Olof Palme vem a Lisboa

ESTOCOLMO, 18. — O chefe do Governo da Suécia, Olof Palme, visita Portugal nos próximos dias 26 e 27, à frente de uma delegação social-democrata, de que farão parte também o secretário-geral do Partido, Sten Andersson, e o presidente da Confederação Nacional dos Sindicatos, Gunnar Nilsson.

A deslocação a Lisboa do primeiro-ministro sueco, que se encontra presentemente em visita oficial ao Canadá, foi esta tarde divulgada pelos jornais, rádio e televisão.

Segundo o vespertino «Aftonbladet», insere-se a visita de Olof Palme, no espírito da determinação do Partido Social-Democrata Sueco, em auxiliar a consolidação da democracia em Portugal. Ainda recentemente, o secretá-

rio-geral do Partido, Sten Andersson, recomendara um apoio maciço da social-democracia sueca a Portugal, designadamente em forma de transmissão de conhecimentos e de experiências de organização.

Os jornais suecos sublinham que o primeiro-ministro sueco — cujas relações pessoais com o secretário-geral do Partido Socialista Português, dr. Mário Soares, são muito estreitas — tem manifestado, publicamente, e em diversas ocasiões, uma simpatia calorosa pela evolução democrática portuguesa, a partir do golpe de Estado de 25 de Abril, que derrubou o regime ditatorial de Lisboa, cuja política foi, no passado, repetidamente atacada por Estocolmo. — (ANI)



Olof Palme

Um socialista que fez virar a Suécia à direita

Em 1968, Olof Palme, que apesar dos quarenta e sete anos actuais conserva um rosto e atitudes de menino irreverente, conduzia ainda manifestações estudantis pelas ruas de Estocolmo. Para muitos, porém, Palme ficará como o homem que fez a Suécia caminhar à direita. Não no figurado sentido político, bem mais simplesmente quando, em 1963, como ministro das Comunicações, assinou o decreto em que a Suécia passava a ter a circulação, pela direita, das estradas e das ruas.

Descendente de uma família burguesa (o pai era director de uma companhia de seguros em Estocolmo), Palme estudou na Suécia, e formou-se em Direito nos Estados Unidos, em 1948, onde se deixou ficar mais um ano, sem um centavo, e visitando todo o país em auto-stop. Era já hábito antigo, pois durante a vida de estudante fizera idênticas viagens pela Ásia de Sueste e a Indonésia.

Tendo sempre tomado papel de relevo nas actividades estudantis, Palme foi eleito, em 1952, presidente da União Nacional dos Estudantes da Suécia. A intervenção soviética em Praga, na Primavera de 1948, criara divisões na União Internacional de Estudantes, e Palme foi um dos iniciadores da formação de uma nova federação de organizações de estudantes dos países não comunistas.

Foram, de resto, os incidentes de Praga que levaram Olof Palme à escolha de uma via política, decidindo-se pela social-democracia, em cujo partido se inscreve em 1952. Tage Erlander, que então exercia o cargo de primeiro-ministro, escolhe-o como secretário, cabendo-lhe escrever os discursos do ministro e ocupar um lugar de conselheiro.

Em 1963, é nomeado ministro sem pasta, e em 1965 é-lhe entregue a das Comunicações. Interessa-se especialmente pelos problemas de rádio e de televisão, e quando estes dois passam para o Ministério da Educação Nacional e dos Assuntos Culturais, em 1967, Palme passa a gerir essa pasta.

Em 1969, Olof Palme sucede a Erlander, simultaneamente como primeiro-minis-

estudante de esquerda, teve de acalmar um tanto a sua impetuosidade e limar unhas um tanto aguçadas.

Mas foi, de entre os homens responsáveis pelo mundo em que vivemos, o que mais corajosamente se bateu, brutal e publicamente, contra situações desumanas, como a guerra colonial portuguesa ou a guerra do Vietnam.

As suas concepções de socialismo são um tanto aberrantes e muito particulares. Afirma:

«Desde há muito tempo que renunciamos a nacionalizar a propriedade. Socializamos as funções, o que nos parece um método mais eficaz. Nacionalizar? Para quê? As naciona-

lizações, no nosso contexto, só conseguiriam criar uma burocracia inútil. Então? Autogerir? Porquê? Iríamos, sem dúvida, para uma anarquia inextricável. O socialismo sueco de hoje situa-se entre duas posições ou, melhor: concilia-as.

Porque, entre nós, o poder do capital é de facto extremamente limitado.

Limitado por cima: tem de inserir-se obrigatoriamente numa planificação rigorosa.

Limitado na base: na fábrica, os operários decidem e decidirão cada vez mais as suas condições de trabalho.

Este, um resumo suficiente do homem que vai visitar Lisboa em breve.